



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**A AUTOMAÇÃO DAS BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS:
Resultado de pesquisa**

Nice Figueiredo

Ensaio APB, n. 58

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**A AUTOMAÇÃO DAS BIBLIOTECAS
UNIVERSITÁRIAS:
Resultado de pesquisa**

Nice Figueiredo

Ensaio APB, n. 58

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**A AUTOMAÇÃO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS:
Resultado de pesquisa**

Nice Figueiredo

Ensaio APB, n. 58

**São Paulo
Setembro
1998**

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

- 1 - MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.
- 2 - MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 3 - TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994.
- 4 - MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 5 - OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 6 - BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 7 - DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 8 - FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 9 - LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 10 - SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 11 - TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 12 - RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 13 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 14 - VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 15 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 16 - VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 17 - CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ipirorã - PR. Abr. 95.
- 18 - LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 19 - MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 20 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 21 - FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 22 - FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 23 - SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 24 - SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaucia Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 25 - VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 26 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 27 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 28 - SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 29 - MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 30 - BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 31 - ARAUJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 32 - GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 33 - MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 34 - MARCHIORI, Patricia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 35 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 36 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 37 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depreciação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 38 - SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 39 - LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 40 - SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 41 - SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 42 - FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 43 - BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 45 - TALAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 47 - RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 48 - TOMAEL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 54 - GAUZ, Valéria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98.
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.

AUTOMAÇÃO DAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: Resultado de pesquisa

Nice Figueiredo ⁽¹⁾

Durante os meses de Março - Maio de 1998, foi realizado um levantamento entre as bibliotecas universitárias federais, além de outras estaduais e particulares selecionadas, a fim de se ter conhecimento do nível de automação atingido por essas bibliotecas. Assim, com base em um cadastro existente no SIBI/UFRJ, atualmente sede da Comissão Nacional de Bibliotecas Universitárias da FEBAB, com a assinalação das bibliotecas automatizadas e das que ainda não se automatizaram, enviou-se dois questionários para cerca de 300 bibliotecas. Das primeiras, procurou-se obter informações sobre o estágio da automação e se solicitou sugestões que possam melhor dirigir aquelas que desejam se automatizar.

Um terceiro questionário foi enviado para ser distribuído entre os usuários das bibliotecas automatizadas, a fim de se obter dados sobre o uso e a satisfação dos usuários com o sistema implantado.

A análise dos dados do Questionário 1, enviado às Bibliotecas Automatizadas mostra que a automação teve início no começo da década de 70, e como já havia demonstrado a revisão da literatura, não houve crescimento exponencial, nos 10 anos que se seguiram. A partir de 1987 é que se pode observar um crescimento mais rápido, culminando, de 1995 em diante com um aumento mais acelerado.

As respostas fornecidas à este questionário, com análise devida, seguem-se abaixo:

QUESTIONÁRIO 1. BIBLIOTECAS AUTOMATIZADAS

1- *Quais os motivos que levaram a automação da sua biblioteca?*

Das quatro opções apresentadas, as mais citadas foram:

Demanda dos usuários	35
Decisão superior	32

No aspecto "outros", foram colocadas: dinamizar os serviços, modernização do acesso à informação e do tratamento técnico.

2- *Que problemas pensou em resolver com a automação?*

Das onze opções, foram mais assinaladas, pela ordem quantitativa:

¹ IBICT/DEP

Aperfeiçoar a eficiência da biblioteca para os usuários	54
Colocar novas tecnologias de informação a serviço de usuários e da biblioteca	51
Aperfeiçoar a eficiência interna da biblioteca	50
Aperfeiçoar o acesso à coleção	47
Aperfeiçoar a cooperação com demais instituições	46

No aspecto “outros”, foi colocada: agilizar recuperação e empréstimo.

3- Como foi o sistema implantado? E de que tipo?

As respostas apresentaram pequena diferença, enquanto que o tipo de sistema apresentou grandes diferenças, assim:

Desenvolvido localmente	29	Centralizado	29
Adquirido em pacote	26	Misto	11
		Descentralizado	6

4- Qual o formato de catalogação adotado pelo seu sistema?

Houve grande maioria para o sistema MARC, seguido de MICROISIS.

5- Quais os fatores que levaram à escolha do sistema?

Das 10 opções apresentadas, foram assinaladas, na ordem:

Aceita catalogação e formato mais usados no país e no exterior	35
Utilizado em outras bibliotecas do país	28
De mais fácil uso	19
O melhor para conexão com redes internacionais	17
Já traduzido em nossa língua	17
Opera no tipo específico de computador que já possuía	12

Como “outros”, foi assinalado: decisão superior.

6- Quais foram os participantes da equipe que planejou a automação?

Nesta questão, os participantes foram citados nesta ordem:

Diretor da Biblioteca	51
Chefia do setor técnico	27
Analista da biblioteca	25
Consultor externo	17
Chefia do setor público	4
Representante(s) do(s) usuário(s)	2

No aspecto “outros”, foram acrescentados outros participantes, dos quais pode-se extrair: bibliotecários, programador, analista do CPD, etc., sem dúvida pessoas com a visão interna do sistema. Com a visão externa pode-se constatar que foram assinalados, por

exemplo: Professores, Direção Central da Instituição e Diretor da Faculdade, que somados ao item anterior de Representantes dos usuários, atingiram apenas uma pequena porcentagem daqueles com a visão externa do sistema. Isto, de alguma maneira, desqualifica o resultado nas questões 1 e 2, onde foi dada grande relevância ao usuário. Como ele não participou, ou participou muito pouco da equipe que planejou a automação, como pode o sistema ser dirigido aos interesses e demandas dos usuários?

7- *Quais os módulos de que é composto o sistema? Numere pela ordem de implantação:*

A implantação dos módulos da automação se deu na seguinte ordem: Catalogação; Consulta e Empréstimos; Periódicos/Aquisição principalmente, tendo havido algumas variações – como por exemplo, Aquisição foi 3ª e 4ª opções, enquanto Catalogação foi também uma 2ª prioridade para automação e Periódicos foi 3ª ou 5ª, etc.

8- *Quem são os usuários da sua biblioteca?*

Internos :alunos de graduação, professores, funcionários, alunos de pós-graduação, pesquisadores;

Externos: pesquisadores, alunos de graduação, professores, alunos de pós-graduação/ alunos de 1º e 2º Graus.

Houve também assinalações para Comunidade acadêmica, comunidade em geral, outras instituições. É surpreendente, dentro da Biblioteca Universitária, que os maiores usuários externos do sistema automatizado sejam alunos de graduação e de 1º e 2º Graus. Sem dúvida, este resultado oferece duas faces para análise. A negativa, como assinalado, e a positiva que, claramente, mostra o interesse e a capacidade dos mais jovens em fazer uso de um sistema computadorizado na Biblioteca Universitária (talvez por não haver biblioteca com tal estrutura nas suas escolas).

9- *Que novos serviços passou a oferecer com a automação?*

Os resultados apontaram:

Para todos os usuários: consulta online e CD-ROM; empréstimos; Internet; levantamento bibliográfica e bases de dados.

Seletivos: bases de dados (usuários internos).

Cobrados: online/CD-ROM; bases de dados; levantamentos bibliográficos e COMUT (usuários externos).

São resultados interessantes que marcam, sem dúvida, uma tendência para a disponibilização dos serviços de informação automatizados nas bibliotecas universitárias. Sabe-se que são consequência de grandes debates e experimentação por parte destas bibliotecas.

10- *Quais os usuários que possam ter sido mais beneficiados com a automação?*

Pela ordem:

Todos	22
Alunos de graduação	13
Pós-Graduação	8
Professores	8
Usuários Internos	5

Tanto nesta questão, quanto na de nº 8, onde aparece com preponderância “alunos de graduação”, isto se deve, acredita-se, pela maior massa de usuários dentro desta categoria nas universidades.

11- Que funções/serviços estão atualmente automatizados?

Pela ordem:

técnicos		para usuários		conexão c/rede nacional	
Catálogo	52	Busca ON-LINE	49	SIM	36
Periódicos	34	CD-ROM	41	NÃO	11
Empréstimos	24	INTERNET	40		
Aquisição	19				

12- Quais os catálogos que se encontram em uso?

Foram citados:

ON-LINE	48
Fichas	37
CD-ROM	14
Microforma	7

13- No caso de ainda possuir catálogos em fichas, como pensa em resolver a catalogação retrospectiva?

A maioria respondeu que a questão se acha ainda em estudo ou na dependência da Biblioteca Central; outras assinalações foram: migração para o sistema; projeto RECON; digitalização de documentos, havendo ainda quem respondesse depender de pessoal para isto.

14- Quais as prioridades de informatização do acervo?

Pela ordem:

Livros	53
Teses	44
Artigos periódicos	20
Materiais especiais	10
Produção científica	3

15- Quais os produtos/serviços automatizados mais utilizados?

Pela ordem:

Consulta (ON-LINE/CD-ROM)	40
Levantamento bibliográfico	18
Empréstimos	12
Base de dados	12
COMUT	8
INTERNET	3

16- A automação propiciou a diminuição nas assinaturas de periódicos?

Com poucas exceções, a assinalação foi no sentido negativo, havendo quem dissesse que até estimulou o aumento das assinaturas. Este é um fato observado na literatura internacional: logo depois do início do uso automatizado, aumenta a demanda pelos títulos impressos. A tendência é que venham a ocorrer cortes nessas assinaturas, como aconteceu no exterior. Isto devido ao fato de que o aumento foi mais motivado por deficiências nas assinaturas ou demandas reprimidas.

17- Quais as bases de dado mais acessadas e em qual formato?

Pela ordem:

NACIONAIS		ESTRANGEIRAS	
CD-ROM	16	CD-ROM	33
ON-LINE	6	ON-LINE	4
INTERNET	5		
CALCO	4		

18- Acredita que com a automação tenha melhorado a prestação de serviços aos usuários? Explique como:

O maior benefício citado foi o da rapidez, agilidade, eficiência no atendimento/prestação de serviço, i.e. a otimização das atividades não só com relação aos usuários, como também no que diz respeito a controle e formação do acervo, levantamentos bibliográficos, catalogação, empréstimos, comutação, reclamação de obras em atraso, processamento técnico. Foi exemplificado que facilita o auto-empréstimos, o próprio usuário podendo realizar as suas pesquisas, amplia o acesso, proporcionando conhecimento de tudo que existe no sistema de bibliotecas universitárias, inclusive com o uso da INTERNET. Foi salientado que a automação oferece mais resultados que os catálogos, e citados fatores de credibilidade, confiabilidade e precisão dos dados, com melhor qualidade dos serviços prestados com dados estatísticos confiáveis. Atendimento a um maior número de usuários e desenvolvimento de outras atividades voltadas ao usuário também foram assinalados.

19- O que acredita tenha sido um sucesso no seu programa de automação?

Foram citados como sucessos o apoio dos diretores das instituições, a obtenção dos equipamentos e da infra-estrutura necessária à automação; a integração do grupo de estudos para implementar o sistema, o empenho e esforço da equipe. Do ponto de vista dos usuários, foi assinalada a disponibilização da informação diretamente ao usuário, com facilidade de acesso propiciando o auto-uso, com uma interface amigável, contribuindo para um melhor atendimento. Foi salientada a possibilidade de consulta do acervo e acesso pela INTERNET para recuperação da informação e as bases de dados. Para a própria biblioteca foram

assinalados os aspectos de modernização, melhoria no processamento técnico, redução das rotinas, empréstimo automatizado, racionalização, otimização na recuperação da informação e a oferta de mais serviços. Também foi citado o sucesso na escolha do *software* adequado, na conversão conseqüente de dados para o sistema, a colocação do texto completo da produção docente na rede, possibilidade de interagir simultaneamente com todos os módulos do sistema, e a qualidade dos dados propiciando melhores estatísticas. Finalmente, houve os que disseram: "Houve sucesso simplesmente pelo fato de funcionar e funcionar bem" e que "houve sucesso em tudo, tanto que deverá migrar para o sistema ALEPH 500 para continuar se desenvolvendo".

Não se pode deixar de observar que, apesar das dificuldades e entraves, há uma grande dose de entusiasmo e otimismo daqueles que conseguiram atingir a meta da automação. É um fator altamente positivo, numa época tão pobre em motivações para o bibliotecário universitário, como muitas outras respostas mostraram.

20- Que problemas administrativos e/ou políticos teve de enfrentar para automatizar a sua biblioteca?

Dentre os problemas políticos, foram assinaladas mudanças na administração central, que ocasionaram falta de continuidade no planejamento da automação, bem como das prioridades da administração. Houve descrença da alta administração na capacidade dos bibliotecários para executar a automação, havendo necessidade de convencimento neste sentido, quando não houve uma total falta de apoio. Nos aspectos administrativos, o problema maior foi a falta de recursos financeiros (sem dúvida resultante do aspecto político) principalmente no que diz respeito a aquisição dos equipamentos, inclusive para manutenção e "*update*". Um problema também muito grande foi o da dúvida quanto ao *software*, havendo, em alguns casos, uma resistência ao escolhido pela administração superior.

Quanto aos recursos humanos, foi registrada a falta de pessoal para automação, ou ainda, a de pessoal capacitado para isto. E ainda: a resistência à mudança e a falta de conscientização dos profissionais e funcionários para a automação; a falta de suporte de informática; a resistência dos usuários e de falta de ligação do sistema com a rede da universidade. A falta de treinamento necessário ao pessoal e aos usuários também foi citada várias vezes. Houve quem se queixasse de que o sistema fora importado de outra instituição e os analistas locais não conseguiram dominar o sistema, partindo então para um sistema próprio. Finalmente, houve os que declararam não ter tido nenhum problema.

Pode-se comentar aqui que, aparentemente, alguns dos problemas mencionados foram criados talvez pela inabilidade política e/ou falta de empenho em lutar pela automação desejada, não esclarecendo bastante a alta administração sobre os benefícios possíveis da implementação de um sistema computadorizado.

21- Que passos providências teve de tomar para iniciar o planejamento da automação da biblioteca?

Pelas respostas obtidas para esta questão, pode-se observar que houve uma grande variedade de atitudes por parte das bibliotecas universitárias para começar a sua automação. Essa variação se deu inclusive em função de a biblioteca ser central ou setorial. Assim, sem uma ordem específica, registra-se: convencimento e/ou obtenção de apoio da administração

superior; justificativa da necessidade de automação pelos benefícios possíveis de serem auferidos; mudança de cultura; reuniões dos funcionários responsáveis pela automação; visitas à outras bibliotecas; levantamento das necessidades/demandas dos usuários; estabelecimento de prioridades; reestruturação do setor; designação da equipe e reunião com os analistas. Citou-se também: coletar dados estatísticos, buscar recursos financeiros, assessoria externa na área de informática, iniciar a partir dos livros novos adquiridos ou de documentos básicos (Schreiner ou Sayão) e de levantamento bibliográfico, da normalização das entradas, padronização dos processos técnicos e descartes, cadastro de usuários. Ou então pela avaliação dos equipamentos, análise e definição do *software*, implantação de bases de dados. Finalmente, pela elaboração de um projeto de pesquisa com equipe de Diretor da Biblioteca, analistas, especialistas, e de treinamento e capacitação de pessoal.

Pode-se verificar que são maneiras absolutamente aceitáveis e sem dúvida dependentes da situação política/administrativa local. Analisando-se estas respostas e as fornecidas na questão anterior, pode-se quase concluir quem iniciou por onde, de acordo com os problemas apresentados, por exemplo: quem não teve nenhum problema pode ter partido direto para a elaboração do projeto e análise dos softwares existentes; quem teve problema político precisou fazer primeiro o convencimento da administração superior, e assim por diante. Mas a queixa mais generalizada, como foi assinalada, foi a de falta de recursos, principalmente para aquisição dos equipamentos, o que pode ter se constituído em fator de peso para o direcionamento do projeto elaborado.

22- Sabendo o que você sabe agora sobre automação de bibliotecas, que recomendações daria às bibliotecas que desejam se automatizar?

As recomendações, fora de dúvida, são frutos da experiência vivida, que por conseguinte, espelham novamente as respostas das três questões anteriores. Neste caso, tentou-se dar uma ordem lógica às diferentes respostas para propiciar um quadro mais claro para aqueles que desejam automatizar as suas bibliotecas.

Em primeiro lugar, deve-se tentar obter um comprometimento total da administração superior, com a disponibilização de recursos, equipamento e pessoal capacitado. O sistema atual deve ser analisado, deve-se fazer compilação de dados estatísticos, conhecer as demandas dos usuários, avaliar o acervo, fazer descartes, ter o quadro real das necessidades da biblioteca. Pensar no produto que se deseja obter. Usar pessoal qualificado, em cursos de informática, motivação. Formar equipe multidisciplinar, com a presença de bibliotecário analista. Buscar assessoria técnica se preciso. Fazer planejamento criterioso, prevendo necessidades e dificuldades a serem ultrapassadas; ter conhecimento de O&M, elaborar projeto consistente, fazer manual de serviço de todas as etapas a serem desenvolvidas, treinar a equipe antecipadamente. Avaliar os pacotes existentes e escolher o *software* mais adequado ao uso/demanda do sistema, após estudo profundo, examinando vantagens e limitações, e que seja consolidado no mercado. Testar exaustivamente antes da adoção. Não desenvolver programas próprios, usar pacotes, tendo o cuidado de analisar e adaptar a cada realidade local.

Priorizar o material a ser automatizado e fazer a implantação por módulos, com treinamento simultâneo, não abandonando o sistema manual antes de testar. Adquirir equipamentos de última geração; se a instituição não possuir recursos suficientes, é melhor optar por um sistema intermediário do que por um mais ambicioso, mas sem possibilidade de

real desenvolvimento. Iniciar o processo lentamente mas com determinação. Mostrar resultados, mesmo que sejam parciais, para conquistar espaço e respeito.

23- *Gostaria de participar de trabalho de orientação/compartilhamento de experiências de automação para as bibliotecas universitárias que planejam a automação?*

A maioria das respostas foi positiva. Acredita-se, no entanto, que já com as respostas obtidas neste levantamento será possível elaborar-se as “Diretrizes básicas para informatização das bibliotecas” como foi sugerido por um respondente.

SIM	38
NÃO	18

24- *Realizou em alguma época, ou antes da implantação do sistema automatizado um estudo das necessidades de informação dos usuários?*

A maioria das respostas foi negativa, o que contradiz novamente, as opções das questões 1 e 2 (e muitas das respostas/recomendações anteriores...)

SIM	21
NÃO	34

25- *Possui “Política de Seleção” implantada com Comissão de Seleção?*

Igualmente à anterior, i.e., a maioria das respostas foi negativa, sendo que os membros da Comissão foram declarados como sendo tanto bibliotecários como usuários. Aqui houve um aparente equilíbrio, mas são os resultados totais. É um modelo que deve ser seguido pelas bibliotecas, individualmente: bibliotecários e usuários em números representativos formando a Comissão de Seleção.

SIM	23
NÃO	33

26- *Que tipos de dados são coletados para a tomada de decisões gerenciais na sua biblioteca?*

Pela ordem: circulação; aquisição; cadastro de usuários; e “outros”: dados estatísticos e de processamento técnico.

27- *Qualifique as barreiras que sente existir para a comunicação entre bibliotecas universitárias?*

Burocráticas	29
Políticas	28
Técnicas	19

28- *Que equipamentos existem na sua biblioteca?*

É possível fazer-se apenas uma análise global das respostas. Foi uma questão proposta para se ter uma idéia da infra-estrutura existente nas bibliotecas paralelamente à automação. As respostas mostram que, embora automatizadas, há bibliotecas ainda sem

telefone, sem máquinas de fax, nem fotocopiadoras. Por outro lado, pode-se observar que quando possuem esses aparelhos, estes são em grande número, existindo quase 1000 micros, a maioria em rede, e perto de 400 impressoras. Há maior disponibilidade de equipamento para uso interno do que externo (usuário).

	SIM	NÃO		SIM	NÃO
TELEFONE	58	2	REDE	46	10
FAX	45	14			
COPIADORA	42	16	USO INTERNO	49	9
SERVIDOR	36	18			
COMPUTADOR	60	2	USO EXTERNO	46	14
IMPRESSORA	57	3			

29- *Qual a sua atitude com relação à cooperação/compartilhamento de recursos entre bibliotecas? Concorde que tem vantagens, como suprir necessidades e somar esforços?*

A grande maioria assinalou SIM, e dentre as vantagens citadas registra-se, na ordem: utilização de recursos de forma racional; facilita o intercâmbio; maior aproveitamento do acervo; economia de espaço.

Quanto aos aspectos negativos, foram assinalados: possível falta de contrapartida; necessidade de garantir que uma coleção continuará a existir naquela biblioteca e a impossibilidade de compartilhar materiais muito demandados.

SIM	43
NÃO	5

30- *O que pensa sobre a criação de um Centro de Compartilhamento de Recursos, onde seriam locados materiais em duplicata, de baixo uso, não convencionais, títulos de coleções obsoletas substituídos por outro formato, teses externas, etc. para desafogar o seu espaço físico, de caráter estadual ou regional, interligado com as bibliotecas universitárias? É um exemplo que vigora no exterior há mais de meio século.*

Coletou-se material riquíssimo nesta questão, a grande maioria aprovando a idéia. Está sendo repassado à Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias – FEBAB – para as iniciativas a serem tomadas a respeito.

31- *Tem conhecimento da metodologia "Conspectus" da American Research Libraries, para desenvolvimento de coleções em redes de bibliotecas? Se negativo, gostaria de ser informado a respeito?*

SIM	2	SIM	55
NÃO	53	NÃO	2

A grande maioria revelou não ter conhecimento desta metodologia. Segue-se abaixo um esclarecimento sucinto:

O Conspectus é um conjunto de códigos padrões para representar as intensidades, a força das coleções existentes e as características dos materiais colecionados. Propõe, assim, uma visão ou sumário dos pontos fortes das coleções e da intensidade das futuras aquisições dos membros. O objetivo é o de promover, desenvolver e, quando e como for necessário, operar programas para coordenar o desenvolvimento das coleções das bibliotecas participantes. A intenção é permitir que algumas bibliotecas deixem de adquirir materiais para disciplinas específicas porque outras bibliotecas continuariam o apoio para essas áreas. Arranjado por assunto, classe ou a combinação dos dois, as divisões contêm níveis de coleção na escala de 0-5, abrangendo 5000 classes de classificação da Library of Congress, assim:

- 0 - Fora do escopo;
- 1 - Mínima;
- 2 - Informação básica;
- 3 - Apoio institucional;
- 4 - Pesquisa;
- 5 - Compreensiva.

Para esclarecer o que está sendo coletado, uma série de sufixos de língua foram acrescentados: E - Material principalmente em inglês (English)

F - Material selecionado em língua estrangeira, principalmente européia (foreign);

W - Larga seleção de material em línguas estrangeiras (Wide);

Y - Material primariamente em uma língua estrangeira.

O conceito é de que as bibliotecas trabalhando juntas podem ultrapassar as barreiras locais (os *campi*), deixando de ser órgãos fisicamente restritos, mas cientes do potencial de recursos coletivos existentes para serem compartilhados. É enfatizado que redes e compartilhamento de recursos nada fazem para atender às prioridades locais das bibliotecas, apenas atendem as demandas das minorias e pedidos ocasionais.

QUESTIONÁRIO 2. BIBLIOTECAS NÃO AUTOMATIZADAS

1- De que está dependendo a automação da sua biblioteca?

Nesta primeira questão, dentre cinco opções apresentadas, as mais citadas foram, pela ordem decrescente:

Disponibilidade de equipamento	26
Decisão superior	21
Possibilidade financeira	19
Capacitação de pessoal	19
Demanda dos usuários	0

No aspecto "outros", foram colocados: condições físicas do prédio; falta de pessoal; problemas de *software* e de rede.

2- *Quais os problemas que espera resolver com a automação?*

Esta questão ofereceu 11 opções, e dentre as mais citadas e pela ordem, seguem-se:

Colocar novas tecnologias de informação a serviço dos usuários e da biblioteca	37
Aperfeiçoar a eficiência da biblioteca para os usuários	33
Aperfeiçoar a eficiência interna da biblioteca	32
Aperfeiçoar a cooperação com demais instituições	31
Aperfeiçoar o acesso à coleção	30
Aperfeiçoar o intercâmbio de recursos e serviços	29
Aperfeiçoar o papel da biblioteca no sistema educacional	25
Fornecer dados para a gerência da biblioteca	23
Oferecer mais serviços/produtos com custos comparáveis	22
Modernizar e ganhar prestígio	21
Aumentar o número de usuários	17

Pode-se observar que, em questão idêntica do Questionário 1, as respostas se assemelham, apenas com mudanças de posição, como a de nº 1 neste Questionário 2, que no Questionário 1, teve posição nº 2.

3- *Como planeja executar a automação? Descreva providências, contatos, visitas formais e informais:*

Nesta questão, como já acontecera na questão 21 do Questionário 1, fica aparente mais uma vez a diversidade no comportamento das bibliotecas ao darem início à implantação da automação. Pode-se constatar que várias bibliotecas responderam que, por serem setoriais, dependem da Central para isto; em alguns casos nota-se algum ressentimento por não possuírem autonomia para qualquer decisão a respeito. Assim, pode-se observar duas abordagens, administrativa ou técnica; no primeiro caso, com visitas para exame dos sistemas, reuniões, reforma da estrutura física, treinamento de pessoal, contratação de consultor ou de pessoal de informática, formação de grupos de trabalho.

A abordagem técnica, para iniciar a automação, requer a solução de problemas tais como: interligação com a rede, escolha de *software* administrativo, estatístico, bases de dados, inclusive com testes iniciais. Algumas bibliotecas mencionaram ter iniciado com a automação dos empréstimos com código de barras, outras com inventário para preparar para a digitação, com o processamento da coleção de livros anteriores a 1989, e outra ainda com a preparação de planilhas para livros e posteriormente para periódicos. Uma declarou ter iniciado com o levantamento das necessidades e características da biblioteca.

Citados como maiores problemas a deficiência de pessoal e a falta de equipamento, quando o início se deu com a abordagem administrativa ou técnica.

4- *Que problemas administrativos políticos sente que terá que enfrentar para a automação da sua biblioteca?*

Nesta questão, os problemas se configuram de acordo com a abordagem inicial (administrativa ou técnica) para a automação das bibliotecas. Assim, dentre os problemas administrativos são citados barreiras físicas, como a falta de infra-estrutura, reforma do

edifício, fechamento de setores durante a automação; e também, a falta de conhecimento do funcionamento e necessidades da biblioteca. Repetem-se aqui os problemas de falta de pessoal ou de pessoal com baixa escolaridade e o problema financeiro, dificultando a aquisição de equipamentos e programas. Estes são os problemas mais citados, juntamente com a necessidade de treinamento. Mencionado também o problema para a manutenção do sistema, inclusive da falta de material de consumo.

Dentre os problemas políticos, são mencionados desde a falta de política governamental e administrativa da própria universidade (que não prioriza a automação da biblioteca) até a falta de vontade política e tomada de decisão da Direção:

5- *Que problemas de ordem técnica existem para a automação da sua biblioteca?*

Nos problemas técnicos, repete-se a falta de equipamentos (inclusive ar condicionado), da aquisição de *software*, da ligação com a rede. Há bibliotecas que necessitam micros com maior memória ou as que acham estar com versões antigas ou necessitam uma revisão no sistema já implantado (embora constassem do cadastro do SIBI como não automatizadas) havendo também as que antevêm um grande problema com o processamento digital do material bibliográfico.

6- *Qual equipe pretende formar para o planejamento/execução da automação?*

A equipe, na maioria das bibliotecas, constitui-se de:

Diretor da biblioteca	19
Chefia do setor técnico	16
Analista da biblioteca	14
Consultor externo	9
Chefia do setor público	5
Representante(s) dos usuários	5

Também citados: Coordenador do projeto de automação, técnico ou assessor de informática. Similarmente ao Questionário 1 e à questão 1 deste Questionário 2, há baixa menção ao usuário na equipe de planejamento da automação, já que não foi por demanda do usuário que se implantou o sistema...

7- *Tem possibilidade de fazer treinamento do pessoal na sua própria cidade/estado?*

8- *Em caso negativo, seu pessoal tem possibilidade de deslocamento para fazer treinamento?*

9- *Em caso positivo, esse pessoal tem apoio financeiro para o deslocamento?*

A grande maioria respondeu que tem possibilidade de fazer o treinamento na própria cidade, possui possibilidade de deslocamento mas não tem apoio financeiro.

SIM	30
NÃO	6

As questões 8 e 9 foram respondidas por poucas bibliotecas. Nestas questões parece ter havido uma certa confusão ou indecisão, pois muitas bibliotecas assinalaram positivamente as

questões 7 e 9, contraditoriamente, portanto. Outras disseram que treinamento vinculado ao sistema não terá problema, só para treinamento externo precisará apoio.

10- Em caso negativo, como pretende resolver o problema do treinamento do pessoal para a automação da sua biblioteca?

As respostas aqui foram bastante variadas, como: através de projetos, parceiros, convênios; elaborar manuais e treiná-los nós mesmos; pedir ajuda a outras bibliotecas por telefone; trazer cursos; treinamento pela própria universidade; pela FGV.

11- No caso de precisar de auxílio financeiro para o deslocamento do seu pessoal para treinamento, do que mais tem necessidade?

Esta questão foi prejudicada pelas anteriores.

Observa-se que o maior problema é o financeiro, representado principalmente pela falta de equipamento, item com o maior número de assinalações na questão 1. Embora a boa tendência apresentada, no Questionário 1, a falta de pessoal capacitado é ainda uma grande barreira para a automação. É de lamentar-se a total ausência dos usuários, tanto nesta questão 1 como na de número 6, com relação à equipe para o planejamento da automação. Pode-se repetir aqui o que se disse anteriormente: Como saber o quê o usuário precisa em matéria de informação, se ele não é consultado? E daí para diante.

No entanto, na questão 2, o item em segundo lugar se refere a “Aperfeiçoar a eficiência da biblioteca para os usuários” (grifo nosso)

Nas questões seguintes, no entanto, não houve maiores contradições, a não ser as diferentes abordagens para a automação, como já fora demonstrado no Questionário 1.

As questões 4 e 5 são coerentes como as demais que levantaram os problemas administrativos e técnicos para a automação. Deve-se salientar a semelhança destes problemas com os apresentados pela bibliotecas já automatizadas, com exceção para os casos dos bibliotecários analistas, que apareceram bem mais citados como participantes da automação.

Verifica-se, assim que, conforme foi constatado anteriormente, a situação de penúria das universidades persiste, atrasando a modernização das bibliotecas e, por conseguinte, a melhora do ensino superior e o avanço das ciências e das tecnologias no país.

Desde os textos iniciais sobre automação das bibliotecas brasileiras já haviam sido destacados os problemas de implantação de sistemas isolados, ou de sistemas desenvolvidos para satisfazer as necessidades locais apenas; e como consequência disto, a falta de padronização de formatos, sistemas e técnicas. É um problema que, de certa maneira, ainda persiste, visto o equilíbrio existente, apontado neste levantamento, entre os sistemas adquiridos em pacote e os ainda desenvolvidos localmente.

É um problema grave, pois a diretriz moderna, em bibliotecas universitárias, é a integração dos vários sistemas, dentro de um campus universitário, como apontado pela literatura. Há que se salientar, contudo, que nas recomendações há declarações bastante fortes a respeito, i.e., aconselhando a não adoção dos chamados sistemas locais. E isto é dito

principalmente por aquelas bibliotecas que assim o fizeram inicialmente e depois partiram para a aquisição de pacote. Deve acrescentar-se que dentre as opções citadas na questão 5 – Quais os fatores que levaram a escolha do sistema? – as duas opções mais citadas foram: “Aceita catalogação e formato mais usados no país e no exterior” e “Utilizado em outras bibliotecas do país”, o que prova a conscientização da necessidade de sistemas que possam propiciar integração com outros, motivando o compartilhamento de recursos, uma das metas principais da automação das bibliotecas. Na verdade, pode-se observar que nos sistemas implantados a partir de 1997, há uma tendência para a aquisição em pacote, corroborando portanto as recomendações acima assinaladas. Paralelamente, esta tendência se dá com a possibilidade da instalação das redes de comunicação nas universidades.

Dentre os problemas ou barreiras apontadas há quinze anos (levantamento de McCarthy em 1983) persiste ainda a falta de recursos financeiros, apontado em 1998 como o maior problema por grande número de bibliotecas. O da falta de pessoal experiente diminuiu bastante, já que se constata, com grande satisfação, o aparecimento da figura do bibliotecário analista, personagem indispensável nas bibliotecas automatizadas. O problema da falta de precisão dos dados para entrada e processamento já não mais aparece, havendo, ao contrário, uma constatação de melhoria neste aspecto.

Quanto ao planejamento, como se viu é ainda um ponto a ser melhor trabalhado pelas bibliotecas que desejam se automatizar, as pioneiras pagando o ônus pela falta de orientação/instrução (inclusive de ditas “diretrizes oficiais e política governamental”, conforme McCarthy). No entanto, como este próprio levantamento demonstrou, na parte de Recomendações e nas questões anteriores, foram dados vários conselhos valiosos a este respeito, mostrando a experiência vivida. E neste texto são apresentadas também diretrizes seguras para esta parte crucial da automação.

A questão da cooperação ainda é outro tema a ser mais trabalhado, embora já tenha avançado um pouco nos últimos anos – haja visto a aceitação do Centro de Compartilhamento de Recursos e os aspectos positivos apontados na questão que indaga acerca das vantagens da atuação cooperativa entre bibliotecas. Juntamente com a idéia para a criação do centro, deve-se pensar também na possibilidade para mais uma atividade cooperativa. A indexação sistemática de artigos de periódicos nacionais, tarefa das mais desejadas pelos usuários, pode ser realizada sem grande esforço pela rede de bibliotecas automatizadas, conforme preconizado no texto. E com grandes benefícios para os usuários, motivo maior da existência do sistema.

Mas nesta questão, em primeiro lugar, é preciso que haja uma “mudança de cultura” como alguém bem salientou em resposta ao questionário, o que implica a maneira dos próprios bibliotecários verem a sua biblioteca. A conscientização de que sozinha, isolada, a biblioteca, por mais perfeita que seja (esta é a visão de muitos bibliotecários), pode muito pouco. Só com o apoio, a união, a cooperação, o compartilhamento dos recursos, é que a biblioteca poderá atingir o ideal moderno de intermediária da informação, e não ser apenas uma pequena coleção (todas as bibliotecas brasileiras possuem apenas uma pequena coleção).

A grande barreira da inexistência de *softwares* aplicativos para a área, e após anos de discussão e tentativas várias, parece ter-se resolvido. Existe porém o problema da falta de equipamentos, reflexo da insuficiência de recursos alocados pelas universidades; e por isso

persiste o fato de as “bibliotecas brasileiras serem automatizadas com recursos limitados”. A diferença é que agora se utilizam micros, não computadores de grande porte, e assim, em última análise percebe-se que houve muito mais uma deterioração das universidades brasileiras na última década.

A literatura mostra que no final da década de 80, já se sabia que somente “as bibliotecas com melhor nível organizacional podem de fato aproveitar da potencialidade da máquina” e que há aquelas com “indicadores que recomendam a automação de seus procedimentos técnicos” (2). Constatou-se neste levantamento o acerto destas afirmações; viu-se que houve grande variedade de atitudes e opções para a automação, devidas claramente à visão que a Administração Superior possuía sobre a atuação da biblioteca: para muitas era o caminho ou o coroamento natural (tudo ou o mais imprescindível) foi-lhe concedido. Outras tiveram que provar, ou mostrar que podiam fazê-lo, outras ainda tiveram que conscientizar a Administração Superior dos benefícios da automação. Para essas a batalha foi bem mais árdua.

Apesar de ter sido apontado no levantamento (questão 2, principalmente) como o elemento principal de motivação para a automação, o usuário não mais apareceu de maneira significativa. As Recomendações, de alguma maneira, sanaram esta falha, mas há necessidade de um envolvimento maior do usuário, desde o planejamento inicial, até a obtenção de *feedback* durante a implementação. Os resultados da participação do usuário no processo de automação das bibliotecas foram bastante baixos, quando se examina os dados das questões 24 e 25, sobre estudos de usuários e política de seleção. Como saber o quê o usuário precisa em matéria de informação, se ele não é consultado; como adquirir fontes, bases de dados demandadas, de maneira justa, eficiente, racional, sem desperdícios, sem lacunas importantes, se não se tiver uma política de seleção elaborada por uma Comissão da qual faça parte número significativo de usuários?

Como foi observado, bibliotecas se manifestaram com grande entusiasmo sobre a automação do seu sistema – fruto de árduo trabalho de muitos anos. Agora cabe a elas seguir em frente. E seguindo a literatura: buscando atingir patamares desejáveis de produtividade e qualidade, para isto mantendo acompanhamento e avaliação dos resultados do seu trabalho. É a única forma de manter o sistema ajustado às demandas dos usuários e os recursos do sistema.

² Este texto é a segunda parte de outro, ainda inédito, que será incluído na 2ª edição do livro “Metodologias para promoção e uso da informação” (que será publicado brevemente pela Polis/APB). Apesar de se complementarem, podem ser lidos e compreendidos separadamente. As citações referentes a revisão de literatura foram extraídas da primeira parte do texto. (Nota do Editor)